



Constelações miúdas: crônicas de um despertar docente

Organização: Marguit Carmem Goldmeyer e Katlen Böhm Grando

Expediente

Diretor da Faculdade Instituto Ivoti

Prof. Jorge Augusto Feldens

Coordenações de Curso – Faculdade

Letras – Português e Inglês

Profa. Ângela Musskopf

Pedagogia

Profa. Raquel Dilly Konrath

Letras – Português e Alemão

Profa. Jaqueline Schabarum

Música

Profa. Letícia Arnold

Coordenação de Extensão e Formação Continuada

Profa. Delci Heinle Klein

Unidade Curricular Profissão Docente e Identidade Profissional – 2025/2

Profa. Marguit Carmem Goldmeyer

Profa. Katlen Böhm Grando



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C758

Constelações miúdas [recurso eletrônico]: crônicas de um despertar docente / Organização: Marguit Carmem Goldmeyer, Katlen Böhm Grando. Ivoti: Faculdade Instituto Ivoti, 2025.
46 p.; il. [pdf].

ISBN: 978-65-979393-0-5

1. Professores - Formação. 2. Identidade profissional docente. 3. Prática pedagógica. 4. Crônicas brasileiras.
I. Goldmeyer, Marguit Carmem. II. Grando, Katlen Böhm.
III. Título.

CDU 371.13

Apresentação

Há despertares que não se anunciam com estrondo. Chegam como quem toca levemente o ombro, como quem desloca o olhar alguns milímetros para que o invisível se revele. *Constelações Miúdas: Crônicas de um despertar docente* nasce desse gesto delicado e radical: reaprender a ver.

Ao longo do segundo semestre de 2025, na Unidade Curricular *Profissão Docente e Identidade Profissional*, da Faculdade Instituto Ivoti, Ivoti-RS, acadêmicos(as) das Licenciaturas em Letras Língua Inglesa, Letras Língua Alemã, Pedagogia e Música foram convidados(as) a um exercício que é, ao mesmo tempo, estético, ético e formativo: observar o cotidiano escolar como quem fotografa com os olhos; capturar o detalhe que passa despercebido; deter-se nas miudezas que, reunidas, configuram mapas de sentido. O que parecia trivial revelou-se extraordinário: transformou-se em narrativa.

A fotografia, entendida aqui como tecnologia de atenção e não apenas de registro, funcionou como dispositivo de desaceleração do olhar. Antes de escrever, foi preciso contemplar. Antes de interpretar, foi necessário sentir. Entre a captura do instante e a tessitura da palavra, instaurou-se um intervalo fértil: espaço de reflexão sobre a escola real, sobre as tensões que a atravessam, sobre as belezas discretas que a sustentam.

As crônicas produzidas em duplas, trios ou em exercício solitário de autoria foram lidas e partilhadas no início de cada aula. Esse rito de leitura constituiu-se como experiência formativa em si: escuta atenta, diálogo argumentado, ponderações respeitadas, críticas construtivas. A sala tornou-se círculo hermenêutico, lugar em que cada texto ampliava o horizonte de compreensão do outro. Ali, exercitou-se a docência que se constrói na palavra que circula e na escuta que legitima.

A escolha do título não é mero ornamento metafórico. "**Constelações Miúdas**" sugere que a identidade docente não se forja apenas nos grandes discursos pedagógicos, mas nas pequenas percepções que, articuladas, desenham um céu formativo próprio. Cada crônica é uma estrela singular; juntas, configuram um campo simbólico que ilumina a travessia inicial de quem aprende a ser professor. Não se trata de textos sobre a escola; trata-se de textos desde a escola, atravessados pela experiência concreta e pelo compromisso com sua função social.

Escrever, neste percurso, foi espelho e caminho. Espelho, porque permitiu aos acadêmicos reconhecerem-se leitores do mundo e intérpretes de sua própria formação. Caminho, porque ao narrar o cotidiano, projetaram sentidos para a profissão que escolheram. A crônica, gênero híbrido e sensível, mostrou-se território fértil para essa iniciação: nela convivem o fato e a reflexão, a crítica e o afeto, o rigor da linguagem e a liberdade criativa.

O resultado deste trabalho, conduzido pelas professoras Profa. Dra. Marguit Carmen Goldmeyer e Profa. Dra. Katlen Böhm Grando, é mais do que uma coletânea de textos. É testemunho de um processo formativo que reafirma a docência como ato de presença, de leitura do mundo e de responsabilidade ética diante do real. É também evidência de que a formação inicial pode e deve cultivar sensibilidade intelectual, autoria e pensamento crítico.

Desejamos que o leitor encontre, nestas páginas, não apenas crônicas, mas convites. Convites a desacelerar o olhar, a perceber o que escapa à pressa, a reconhecer que o extraordinário habita as margens do cotidiano. E, sobretudo, que compreenda que todo despertar docente começa assim: na decisão de ver de novo aquilo que julgávamos já conhecido.

Profa. Dra. Katlen Böhm Grando, Profa. Dra. Marguit Carmen Goldmeyer

Introdução

Os textos e as imagens aqui reunidos foram dispostos na sequência em que foram compartilhados nas aulas, preservando o ritmo real do processo formativo. Optou-se por manter essa ordem para respeitar a temporalidade da experiência: cada crônica nasceu de um momento específico do semestre e carrega as marcas daquele instante de observação, reflexão e diálogo.

Reflexos em espelhos sucessivos

Ao longo das páginas, o leitor perceberá que algumas imagens reaparecem sob novas perspectivas. Uma fotografia das primeiras aulas pode ressurgir, mais adiante, reinterpretada; um fato inicialmente narrado de modo descritivo retorna com maior densidade crítica. Como reflexos em espelhos sucessivos, as percepções se deslocam, amadurecem e se ampliam.

Luz e nuvens densas

Há textos que iluminam a constelação formativa com leveza e encantamento; outros assumem a forma de nuvens densas, trazendo inquietações e questionamentos. Ambos são necessários. A formação docente não se constrói apenas com descobertas luminosas, mas também com tensões que exigem análise e posicionamento. Solo fértil precisa de chuva.

Um percurso de construção identitária

Este e-book, portanto, não organiza apenas crônicas: apresenta um percurso de construção identitária, em que olhar, escrever e dialogar se entrelaçam. A sequência mantida revela o movimento progressivo de um despertar reflexivo próprio de quem aprende a ler o mundo e a si mesmo na experiência da docência.

Profa. Dra. Katlen Böhm Grando, Profa. Dra. Marguit Carmen Goldmeyer

Interlúdio Poético

O estudante Lucas, que intitulamos como poeta, escreveu este poema, representando o que os olhos de poeta dele capturaram nos processos de escrita e compartilhamento das crônicas.

A poesia da escrita

Lucas de Vargas de Oliveira

Tantos pincéis, com diferentes cores
Estão a dançar numa tela cheia de amores,
Com o dizer calado sem poder falar,
Expressando sensível escuta e olhar.

Com movimentos leves e delicados,
Formando desenhos tão amados,
Sempre voltado à persistência e instâncias,
Pois as miudezas das crianças
São o que dá vida às infâncias.

Deixar o tempo voar enquanto pintamos,
É como perceber os mundos que amamos,
Da linda infância à meiga terceira idade,
Derramamos nosso coração, de verdade.

No relógio da vida, voltar o ponteiro,
Ou adiantá-lo de modo certo,
Sobre as fases da vida, muito refletir,
Reconhecer e perceber a adolescência
Como um mundo intrigante a descobrir.

Escritas tão sinceras e verdadeiras,
Nada disso de serem passageiras,
Vão ficar, pois significaram,
E florescerão, pois muitos as plantaram.

Agora podemos compreender que
Brincar brincando é aprender desfrutando,
E ao brincar de olhar, aprendemos a desfrutar
De cada momento tão majestoso, silencioso,
Transmitindo o pequeno coração amoroso.

Cada escrita com seu autor,
É puramente um belíssimo compositor,
Várias melodias que se tornam uma orquestra
sinfônica
Somos nós ao escrevermos cada um a sua crônica.



Cada gesto conta uma história

David Gonçalves da Rocha · Débora Werle · Leila Maria Holz

No corredor frio e mal iluminado da escola, o mosaico brilha como um convite silencioso. Apesar das cores suaves, aqueles fragmentos evocam algo profundo. Paro, respiro e mergulho em sentimentos e memórias — um eco de quem fui e do que me trouxe até este exato instante.

Vejo, naqueles pedaços de azulejo, a vitória de pequenos gestos, como o sorriso de um aluno que supera seus próprios limites. Imediatamente, sinto o peso da frustração com os impasses burocráticos de uma rotina que engole soluções e entorpece mentes. E uma tristeza que pesa mais a cada semestre, quando tantas famílias chegam carregando sombras — vulnerabilidades que se infiltram em nossas salas, nos nossos pensamentos, nos nossos corações.

Me volto ao mosaico. É um gesto coletivo, tímido e ao mesmo tempo, grandioso. Uma criança cuidadosa encaixa uma peça — mão miúda, gesto delicado. O riso que brota, suave e espontâneo. É nessa inocência absoluta que encontro meu refúgio. A arte me sussurra: onde há cuidado, há vida.

- Afinal, este corredor, tecido de olhares e cores, somos nós. Cada gesto que sobrevive ao cotidiano — pequeno, mas profundo — conta, permanece, cura.



Tudo que sobra é meu, ou quase tudo...

Gustavo Medeiros dos Santos

Sou a Lix, robusta, atemporal e atualmente enferrujada pelo tempo. Geralmente visto uma capa de cor preta, bem de super-herói invisível.

Estou parada no mesmo lugar, fixa, sem me mexer durante anos, próxima da árvore mais experiente do campus. Inclusive, em épocas do ano, guardo seus pertences que se desprendem quando o outono chega.

Das 07 às 23 horas sou procurada, mas minha hora do rush é durante os dias de sol e nos intervalos. Vejo todos os tipos de gente e sorrio para todos.

Sem dúvidas, depois de muita terapia, passei de vítima para alguém que descobriu seu valor e propósito.

Muitas pessoas da comunidade acadêmica passam por mim, mas Antônia, aluna das séries iniciais, me chama atenção dia após dia. O perfil londrino dela me faz ter calafrios pelo aro e sentir cócegas nas pequenas entranhas do meu cesto. Antônia franze a testa e quase fecha os olhos para localizar meu ponto fixo final. Apesar de anos na escola, seu perfil agitado é capaz de me enxergar de todas as perspectivas. Ela nunca aparece do mesmo lugar.

Nunca sairei daqui, nunca mesmo, e sem essa de 'nunca diga nunca'.

O dia estava chuvoso e de vento norte; o cheiro do atrito da chuva na terra seca conecta eles ao natural. Estou sozinha no pátio, apreciando cada respingo na minha capa. Tento proteger ao máximo os itens que já estão comigo desde segunda-feira à noite.

Já são nove e vinte da manhã, e nada de Antônia cruzar o corredor de acesso ao prédio amarelo. A cantina já está se esvaziando e a chuva começa a perder força.

Nunca me aproximei de alguém tão especial quanto Antônio. O brilho dos olhos que não vejo ecoa pelas suas descobertas como menina. O banco enviesado entre mim e a centenária virou palco de sorrisos e um confessionário natural em meio ao externo.

Antônia fazia barulho para comer seu lanche e todos os dias abria sua lancheira em formato de morango estrondosamente, puxando com força o encaixe já desgastado pelo uso. PLÉKH.

Não vejo, mas sinto. O tempo do lanche de Antônio é rápido, seis minutos. A agitação faz com que metade da maçã seja minha por direito. Os resíduos caem pelas minhas curvas.

Sempre fui confidente de todos e nunca contei nada a ninguém. Já presenciei angústias, arqueei bilhetes que não foram entregues, provas zeradas e textos rabiscados. As bolinhas de papel que antes eram jogadas uns aos outros em sala, há muitas gerações não sinto.

São nove e trinta e dois, e nada daqueles passos largos e pesados. A chuva aos poucos se despede, o cheiro permeia todos os corredores. Os funcionários fofocam pela grama e, aos poucos, vão limpando os traços do mau tempo.

Nunca me senti sozinha, abandonada, nunca incompleta, mas hoje em desespero.

Como de costume, eu sigo aqui, imóvel, intacta. Mas hoje entendi que não guardo apenas restos ou tudo que sobra; guardo presença, segredos e confissões. E quando tudo isso falta, até o ferro sente.

São onze e quarenta e cinco, e Antônio não apareceu para me contar sobre o início da semana, suas angústias e reflexões. O tempo já abriu, a centenária amanheceu, e já me sinto meio cheia, mas vazia por dentro.

Apesar do susto e da insistência da solidão, seguirei o dia até o terceiro turno, desolada, mas confiante que todos vão me procurar para alcançar tudo que sobra ou quase tudo, para dividir seus lanches ou para armazenar o que ninguém mais quer.

Em alguns minutos vou me preparar para receber os alunos da tarde — ou quase todos — afinal, até minha fiel depositante desapareceu.



Bandeiras ao vento

*Eduarda Luiza Griebeler · Irene Regina
Lucena de Aquino Rücker · Lídia Kuhn
Braz*

Hoje o vento soprava diferente no pátio verde da escola. Não era só o movimento das folhas de palmeira ou o farfalhar da grama molhada pelo sereno da manhã. O que tremulava forte eram as cores das bandeiras erguidas por jovens, não só representando seu país, como também representando uma parte da humanidade que não tem medo do novo, da união e de novas aprendizagens, mesmo que isso signifique deixar o aconchego do lar para explorar o desconhecido.

Aqueles jovens, cheios de sonhos e expectativas carregavam com orgulho a bandeira do seu país, que após tremular ao vento, espalhava a história, não de uma alma, mas sim de uma nação. Uma história contada de uma maneira silenciosa, sobre caminhos, costumes e lutas.

Eu, estudante de licenciatura em línguas, não consegui deixar de imaginar como seria ouvir todas aquelas vozes falando ao mesmo tempo, misturando sotaques, melodias e ritmos de tantas línguas diferentes. Era como se o mundo tivesse se transformado em uma sala de aula viva, em que o conteúdo não vinha de livros, mas da fala e das emoções que estavam vivas, bem ali, na minha frente, todas completamente diferentes uma das outras, mas ao mesmo tempo, intensamente conectadas.

Cheguei à conclusão que não precisamos de muito para conhecer uma grande diversidade, basta alguns minutos de escuta ativa e percepção. Às vezes basta carregar dentro de si a coragem de se abrir ao novo, a curiosidade de perguntar sem medo, a aprendizagem que nasce do respeito e da tolerância. Ali, os jovens riam juntos, celebravam as diferenças e compartilham a alegria de estarem unidos por um mesmo ideal: a busca pela paz mundial.

- ❏ Enquanto as bandeiras dançavam ao vento, senti que aquela cena era uma verdadeira lição de humanidade. Educação humana é aquela que olha para a diversidade com amor e curiosidade. O educador deve ser capaz de compreender na íntegra o outro, de entender que, o papel dele na sociedade é construir o futuro, com garra, coragem e diversidade.



Guardião de memórias

Cristian Mateus Land · Gabriel Teles Bergamini

Um telhado com goteiras. Um banco de cimento inacabado. À primeira vista, apenas isso: uma simples parada. Mas basta um olhar mais atento para perceber que ali se acumularam lembranças incontáveis. Foi naquele espaço que tantas crianças, em dias de sol ou de chuva, buscavam abrigo à espera do ônibus escolar. De longe, já se ouvia o ronco agitado do motor, que parecia correr ao encontro delas. E então, num movimento quase imediato, todas se alinhavam, esbarrando as enormes mochilas coloridas umas nas outras, sempre na disputa silenciosa para ver quem seria a primeira a subir. Quem fosse mais rápido ganhava o direito de escolher qualquer assento do ônibus vazio. Os mais disputados, é claro, eram os do fundo ou os mais altos, aqueles que davam a sensação de ver o mundo de cima.

Depois de todos acomodados em seus devidos lugares, o ônibus seguia seu caminho, carregando não só crianças, mas também risadas, conversas e sonhos em direção à escola. Hoje, tantos anos depois, já não espero mais por aquele barulhento motor. Mas, toda vez que passo em frente à parada, a nostalgia me alcança. Ela me devolve as segundas-feiras sonolentas e as sextas-feiras alegres, as brincadeiras inventadas no banco de cimento frio, as amizades que nasceram e se fortaleceram ali.

Agora, porém, o silêncio tomou conta. Nenhuma criança, nenhum ônibus, nenhuma conversa. Apenas a parada, isolada e resistente. Ela estava ali antes de mim e seguirá depois. Firme e silenciosa. Já não abriga crianças nem risadas, mas permanece como uma guardiã de todas as histórias vividas, esperando, talvez, por novos passageiros de um tempo que ainda virá.



Quando o intervalo vira memória

Artur Guilherme Kalkmann · Eduardo Winter Rocha · Kevin Mousinho Pereira do Carmo dos Santos

"— E o que vocês fazem em 20 minutos de intervalo? Não é possível que vocês não consigam ir à cantina, comer, beber água e depois ir ao banheiro! Tem que pedir isso justamente quando a minha aula começa?", protestava o professor. Não seria uma resposta à altura dizer que sua irritação caía em ouvidos surdos. Aliás, esse breve momento provocava antecipadamente a ansiedade alheia; olhares rápidos para o relógio da sala ou até o largar da caneta, seguido de um "vou terminar em casa", marcavam uma contagem regressiva que de regressiva não tinha nada, pois só se via progresso. O progresso do tempo era apenas frustrante quando já era hora de voltar.

"— Pô, show de bola, marcado então, sem enrolação, sem caô, praia da Barra, posto 3." Ao jogar conversa fiada fora, Lucas, do Rio de Janeiro, combinou o passeio que muitos estavam há tempos adiando; porém, sem aquela conversa, a ideia do passeio não teria saído do papel. Estourando o fone que compartilhava, as músicas que melodicamente sussurravam davam tons diferentes aos papos que ali rolavam: vestibular, namoro, festas...

Assim como Lucas, Guilherme, um guri de 16 anos de Ivoti, tinha um lugar especial para onde disparava ao bater do sinal. Pela escadaria ou pelo corredor, pouco importava: o sentimento de vitória estava com aquele que chegasse primeiro ao refeitório. De lanche na mão e feliz, Guilherme e sua turma aceleravam em direção ao canto especial de todos: a sala do grêmio estudantil. Lar do famoso Fla-Flu e de amigos que o levariam não só para a sala da diretora, mas também para o resto da vida.

Em Porto Alegre, o intervalo de Mateus tinha outro cenário, porém a mesma essência. O pátio era tomado por todas as rodas de conversas sobre futebol, músicas e o último episódio da série que todo mundo estava acompanhando. Alguns corriam para o ginásio, outros se ajeitavam nos bancos para dividir os salgadinhos e os refrigerantes.

"- E aí, já estudou para a prova?", perguntava alguém entre risadas, mais preocupado com o momento e continuar a conversa do que com as notas de suas provas. O sinal quando tocava parecia injusto: interrompia não só o jogo ou a conversa, mas também aquele breve instante em que o intervalo da escola se tornava o melhor ponto de encontro da cidade.

Mas... e se esses momentos sumissem? Não da memória, eu digo — até porque da nossa cabeça nada se tira —, mas o direito a esses momentos? Ninguém imaginou que, na correria de varrer a sala, apagar o quadro e desligar as luzes, a escuridão permaneceria por um longo tempo, que a falta de vida invadiria até mesmo o lugar onde descansávamos depois das aulas. Quando o reflexo em nossos olhos é o das telas, mais brilhantes do que a vida poderia ser... não há educação. Para que serve, se não há um mundo lá fora? Será que todos se sentem assim? Pois, até onde se pode lembrar, não ir à escola era divertido; ter tempo para outras coisas agora e deixar o tema para amanhã também. Mas essas atitudes já eram desconhecidas, pois não havia outras coisas. E o amanhã? Esse não passa de uma mera repetição do hoje: conectar-se, desconectar-se, olhares perdidos à procura de slides que já não existiam. O sentir-se à deriva diante do que se espera de nós — ou, pior, do que nem se pode esperar... Quanto a isso, não há máscara que cubra.

Conquanto julgássemos isso a pior coisa do mundo, nada dura para sempre, e daí vem a realização de que, às vezes, não é preciso muito para que a vida ganhe significado. Nos curtos minutos de um intervalo — nas risadas, nas partidas de um jogo no pátio ou, meramente, naquela conversa banal entre amigos — nascem laços que atravessam anos. É nesses instantes simples que se formam amizades verdadeiras, se combinam passeios que viram histórias e se criam lembranças que, posteriormente, reconhecemos como as mais marcantes de nossa juventude; pequenos momentos que são aparentemente banais.

E se cometêssemos o erro de cair na rotina novamente? E se, ao desligarmos as luzes da sala e fecharmos a porta, interpretássemos isso como só mais um dia — sendo este, possivelmente, o início de mais uma era sem vida?

Lucas, Guilherme e Mateus pensaram bastante nisso. A ideia deles é mais ou menos assim: se fôssemos obrigados a repetir toda essa história — cada dor, cada alegria, cada escolha, até mesmo os detalhes mais banais — teríamos duas opções de reação. A primeira seria desesperar-se com a ideia, a ponto de não suportar reviver tudo outra vez; a segunda seria aceitar com alegria — mesmo com todas as falhas.

Complicado, não?

Nessa jornada, eles sentiram na pele que a segunda reação — a de se alegrar com essa repetição, assustadora para alguns — demonstraria, na prática, que o amor ao destino só surgiria para aqueles que tivessem a coragem e a felicidade de aproveitar os melhores momentos, os quais vinham em forma de intervalo. Além do mais, quem não gostaria de repetir os melhores momentos de suas vidas? E esses, nem sempre estão dentro da sala, mas sim dentro das pessoas.



Isto é compreender a educação da memória.



Quando a escola silencia

Letícia Maria Kuhn · Mirela Reichert da Silva · Ricardo Ernani Pilger

O sol se despede devagar, tingindo de laranja as paredes da escola. É fim de tarde, e o pátio parece respirar mais leve, depois de um dia inteiro tomado por vozes infantis, risadas apressadas e passos desordenados de quem ainda aprende a ocupar o mundo. O silêncio que chega não é vazio, mas carregado de memórias: o jogo de bola interrompido pelo sinal, os bilhetes trocados às pressas, as conversas que ainda ecoam entre os corredores.

O céu, tingido de pêssego e azul-claro, estende-se sobre a paisagem. Lá em cima, tímida, a lua crescente surge como um sorriso pálido, anunciando que outro tempo está prestes a começar. A luz moribunda banha as construções em tons quentes, quase nostálgicos, como se a escola vivesse um pequeno intervalo entre turnos.

Em primeiro plano, a palmeira Cica do jardim, abre suas folhas verdes como quem quer abraçar a tranquilidade do momento. Ao redor, o jardim forma um emaranhado de vida, caótico e belo, guardando em silêncio as histórias do dia. À direita, o prédio moderno reflete o último brilho do sol em suas janelas retangulares. À esquerda, a construção antiga permanece como memória de outros tempos. Velho e novo convivem lado a lado, unidos pelo mesmo propósito: abrigar diferentes formas de aprender.

E, quando a noite chega de vez, a escola se transforma. O pátio antes tomado por vozes de crianças e adolescentes, agora dá lugar ao caminhar apressado de jovens e adultos. Não há mais jogos ou segredos sussurrados, mas conversas sobre trabalho, planos de futuro, responsabilidades que esperam lá fora. O silêncio do entardecer cede espaço a um novo movimento: passos mais pesados, olhares mais sérios, sonhos mais conscientes.

- Assim, a escola segue viva, mudando de rosto conforme a hora. De dia, infância e juventude; à noite, maturidade e esperança. E, acima de tudo, a lua permanece como testemunha discreta, lembrando que cada fim de dia é também um começo — e que aprender nunca se limita ao tempo, mas atravessa todas as fases da vida.



O simples que ensina

Giovana Ferrari Simon · Raíssa Neckel

Na sala do Pré 2, entre brinquedos espalhados e as vozes das crianças, eu contava uma história sobre amizade. As palavras iam saindo devagar, tentando mostrar o que significa estar junto, respeitar, cuidar. Eu falava sobre aquilo que parece tão simples, mas que tantas vezes até nós, adultos, temos dificuldade de viver.

Enquanto lia, percebia olhares atentos — alguns curiosos, outros dispersos. Era a rotina comum de uma turma da Educação Infantil, com suas inquietações e descobertas. Até que, no meio do enredo, o inesperado aconteceu: dois pequenos se aproximaram e, sem aviso, se abraçaram. Um gesto espontâneo, tão sincero, que parou o tempo.

E eu pensei: por que nós, adultos, temos tanta dificuldade em repetir gestos tão simples? Crescemos, complicamos, inventamos regras, estratégias, protocolos. Esquecemos que, muitas vezes, a resposta está no óbvio.

O abraço deles não foi apenas um gesto espontâneo; foi uma crítica silenciosa ao nosso mundo apressado, que vive esquecendo daquilo que realmente importa. Enquanto nós falamos de amizade, eles a praticam. Enquanto tentamos teorizar o afeto, eles o distribuem sem medida.

- ❑ Ali, percebi que educar é também estar disponível para aprender. Que, muitas vezes, a teoria se dissolve diante da prática viva das crianças. E que a docência se constrói justamente nesses instantes em que somos surpreendidos.



A fila da vida

Isabella Antunes de Oliveira · Maryeva Elisa dos Santos

Muito ouvimos falar que a escola nos prepara para a vida. Muitos pensam nas provas de matemática, outros em redações intermináveis. Eu, sinceramente, acho que o maior treino é a grande fila que nos espera no refeitório.

Aquela fila é um verdadeiro curso intensivo de paciência. Sempre vamos encontrar o apressado que tenta furar, o reclamão que nem chegou a sua vez e já está criticando o feijão, e o "estrategista", que sempre dá um jeitinho de encontrar um amigo e pegar aquele "furinho" na fila.

Enquanto isso, o arroz e o feijão estão lá, nos esperando como uma rotina que, em algum momento da vida, vamos enfrentar. O suco nos aguarda como as diversas promessas do trabalho, que nos lembram de não criar muitas expectativas. E a sobremesa, que aparece de vez em quando, serve para lembrar que, durante a espera, sempre existirá uma pequena alegria depois de uma longa paciência.

Esse momento registrado é muito mais do que uma manhã na escola, na hora do intervalo. A fila não é apenas de alunos esperando sua vez pela comida; pode ser também um símbolo de paciência, compreensão, convivência e até mesmo de desigualdade, onde quem chega primeiro nem sempre é quem mais precisa.

Espera · Pressa · Rotina

Vida, escolhas, caminhos, oportunidades

Sociedade · Injustiças · Regras

Convivência

Sonhos · Futuro · Aprendizado

Talvez a fila da cantina não seja só sobre comida, mas um ensaio para a vida lá fora.



Toque

Luisa Klein Narciso · Amanda Kourroski Haiml

Em casa, quando choro, me chamam de fiasquenta; se grito, sou chata; se jogo algo no chão, dizem que quero chamar atenção. Mas é verdade: quando eu era pequenina me chamavam de fofinha e queridinha, sempre me pegavam no colo, independente do que eu fizesse. E o mais importante: me tocavam.

Hoje em dia, papai e mamãe passam mais tempo com uma "tela azul" à sua frente. E, às vezes, olham nessa "tela azul" coisas sobre o quão perigosa ela é. Mas, afinal, se ela é perigosa para mim a ponto de papai e mamãe não me deixarem usar, por que essa tela azul rouba o meu toque?

Mas nem tudo está perdido. De segunda a sexta eu vou para a minha escola, e lá sim... lá não tem tela azul. A profe continua dizendo que sou fofinha e queridinha, meus colegas me abraçam, sim, me tocam. E é nesse toque, nesse carinho e nesse meu mundo que penso: "não quero sair daqui."



Entre Cadernos e Telas

*Juliane Neufeld Hubert · Adrielly Carolini Gomes
Vieira · Flávio de Medeiros Júnior*

Ontem

Na minha infância, sala de aula era caderno pesado, lápis bem apontado e o pó do giz que ficava no ar. O barulho era de folhas virando e pedidos de "me empresta a borracha?". Computador? Quase ninguém via de perto. Quando aparecia, era só um para a escola inteira, guardado como tesouro.

Hoje

Hoje, olhando para essa sala cheia de notebooks, parece outro mundo. Cada criança tem sua tela, suas teclas, seu próprio espaço digital. Mas ainda existem as conversas paralelas, os cochichos, os olhares curiosos. Mudou a ferramenta, não a essência.

E é isso que faz a infância ser única: ela se reinventa, mas continua cheia de descobertas. Ontem era o giz e a lousa, hoje é o teclado e a tela. O tempo passa, a tecnologia muda, mas a infância sempre encontra um jeito de virar lembrança.



Flores do cotidiano

Gabriela Camargo Fontel · Eduarda Silva Trisch de Oliveira · Lorrana Pereira Queiroz

Outro dia comum. A aula vai começar e os alunos chegam aos poucos. É primavera, tempo em que as flores brotam e se oferecem ao olhar atento. As crianças passam por elas e permitem-se ser tocadas por sua singela beleza. No caminho para a escola, colhem algumas para presentear a professora que as espera.

A cena se repete todos os dias. Sinto-me emocionada ao receber esses presentes simbólicos, tão cheios de significado. Eles me lembram de que, de forma carinhosa, pensam em mim também fora dos muros da escola.

Sabemos o quanto é intenso o trabalho que realizamos na escola, independentemente da função. Mas, quando somos atravessados por gestos de apreço e consideração como esses, recebemos uma recompensa que faz valer cada momento dedicado.

- ☐ Há uma beleza única em permitir que esses pequenos afetos cotidianos nos toquem. É através deles que recordamos: o vínculo é apenas o início da bela jornada do desenvolvimento.



Onde o amor crescia com a terra

Brenda Zimmermann Arnhold ·

Cassandra Nascimento Rodrigues ·

Rosana Dilkin

A infância tem cheiro. O meu era de terra molhada, leite recém-tirado da vaca e pão quentinho saído do forno da vó. Cresci numa fazenda onde o tempo parecia no meu ver andar mais devagar, como se respeitasse o ritmo das galinhas no quintal, das vacas e do coração dos avós.

Ser criança naquele pedaço de mundo era viver em liberdade constante. Corríamos entre os milharais, subíamos em árvores como quem escalava sonhos, e voltávamos para casa com os joelhos ralados e o sorriso de um rosto alegre e vivo. A terra era nossa aliada — sujava, curava, acolhia e nos fazia sentir tranquilos.

Meus avós eram gigantes. Não pela altura, mas pela presença que tinham por onde passavam. O avô sabia conversar com os bois e com as estrelas no céu. Avó, com mãos de fada e coração de mãe dobrado, transformava qualquer tristeza em doce de abóbora com coco. O amor deles era silencioso, mas firme como cerca de arame: segurava tudo no lugar.

Naquela fazenda, aprendi que o amor não precisa de palavras difíceis. Ele mora nos gestos simples: no café passado com cuidado de manhã, na história contada antes de dormir, no abraço apertado depois da chuva para acalmar e acolher. E que a terra, quando bem cuidada, retribui com fartura assim como o coração.

As manhãs tinham um som próprio: o mugido das vacas misturado ao cantar do galo e ao rangido do portão de madeira que o avô abria cedo, com o sol ainda preguiçoso no horizonte. A vida começava devagar, sem pressa, mas cheia de significado. O cheiro da lenha queimando no fogão a lenha era sinal de que a vó já estava de pé, preparando o café para todos, com a mesma dedicação de quem cultivava flores raras.

À noite, quando o céu se vestia de estrelas, a fazenda ganhava outro encanto. Sentávamos na varanda para ouvir histórias antigas, e a escuridão não assustava, pelo contrário, era um cobertor que guardava sonhos. Aquele silêncio profundo, quebrado só pelos grilos e pelo vento nas folhas, ensinava que paz não é ausência de som, mas presença de aconchego. E assim, entre dias simples e noites estreladas, fui aprendendo que amor é coisa que cresce em terra boa, mas floresce de verdade dentro da gente.

📄 Hoje longe daquele chão, carrego comigo o que realmente importa na vida. A infância passou, mas o amor...ah, o amor continua brotando, como brotava o milho depois da primeira chuva de setembro na fazenda.



Quando o amor se faz miúdo

Ana Beatriz Klein Chagas · Lucas de Vargas de Oliveira · Maiara Nabinger

No banco singelo, entre folhas secas que o vento espalhou com descuido de outono, um instante se acendeu. Não foi um daqueles instantes gritantes, anunciados com pressa. Foi um instante miúdo, quase tímido, desses que poderiam passar despercebidos, não fosse o coração atento.

Ao meu lado, uma mão pequena, suja de terra e descoberta, estendeu-se devagar, trazendo uma flor amarelada, caída, do chão. Era imperfeita, um pouco amassada talvez, mas trazia consigo a beleza intacta da intenção. A criança não disse nada. Apenas me olhou com aquele jeito curioso de quem não entende todas as coisas, mas sente o que importa.

Sem pensar, como se meu corpo soubesse antes de mim, inclinei-me para colher outra flor, e ofereci de volta. Nossos dedos se tocaram de leve, e naquele gesto simples éramos cúmplices. Trocamos flores como quem partilha segredos, como quem reconhece, mesmo sem palavras, que a vida tem seus pequenos momentos sagrados.

Havia mais do que pétalas entre nós. Havia ternura, confiança, um silêncio carregado de presença. Nenhuma urgência. Nenhuma obrigação. Apenas o estar. O aqui. O agora. Um momento em que o mundo deixou de correr por um breve segundo, e tudo que existia era aquele gesto, aquele banco, aquele sopro de tarde e duas flores cansadas de chão, reerguidas pela intenção de um afeto sem nome.

Talvez amanhã eu esqueça o sabor do café, ou o tom das palavras ditas às pressas por um telefone que insiste em tocar nas horas erradas. Talvez eu me perca nos compromissos acumulados ou nas filas longas dos dias. Mas não esquecerei a delicadeza daquela entrega, nem o olhar atento da criança, que, sem saber, me ensinou mais sobre amor do que muitos livros.

Porque o amor, esse que realmente vale, às vezes não grita, não exige, não promete. Às vezes, ele só estende a mão com uma flor caída, esperando que alguém aceite.

- ❏ E talvez a felicidade more justamente aí: num gesto miúdo, entre folhas secas e silêncios compartilhados. Num encontro breve que permanece inteiro, mesmo depois que a tarde se despede.



O Ipê e o professor

André Luis Dietrich Rieffel · Denner Gustavo Brum Cruz · Willkins Jansen Costa e Silva

Olhar um ipê quase sem folhas, balançando ao vento, me fez pensar em como ele se parece com o trabalho de um professor. O ipê, à primeira vista, parece vazio, mas é só aparência. No fundo, em silêncio, ele se prepara para florescer.



As folhas que ensinam

Assim como as folhas caem e embelezam o solo, o professor também encanta o mundo com sua sabedoria. O professor é assim: tanto esforço, tantas palavras espalhadas, que às vezes parecem se perder ao vento — como folhas secas que voam para longe. Mas, com o tempo, essas palavras germinam nos alunos e florescem em conhecimento.



O tempo de florescer

Na natureza, o ipê tem o seu tempo de florir. Na sociedade, o professor também tem o seu tempo de semear e ver o fruto do aprendizado. O ipê dá sombra e beleza; o professor é o alicerce da sabedoria.



Um novo ciclo

Quando o ipê solta suas folhas, prepara-se para um novo ciclo. O professor, ao ver seus alunos alcançando seus objetivos, também floresce — e logo se prepara para uma nova turma, como o ipê se prepara para outra primavera.



Balanço da vida

Gabriela Luisa Senger · Ilvana Patrícia Del Ponte Rodrigues

Ainda lembro dos dias de sol, das tardes perto do horário de ir para casa, da areia e dos meus amigos — ainda pequenos — correndo e gritando pela pracinha. Lembro do rangido dos balanços, aquele som suave e repetido que parecia acompanhar o compasso da infância. O vento batia levemente no rosto, os pés tentavam tocar o céu e, por alguns segundos, o tempo parava. Era simples: um pedaço de madeira, duas correntes e um coração pequeno que acreditava que voar era possível.

Naquele tempo, a vida cabia na pracinha. O chão de areia virava pista de corrida — onde, a cada passo em falso, os pés afundavam na areia fofa. Também se transformava em castelo, lugar para enterrar os pés ou, então, em quadro de desenho, tendo o graveto como lápis. E o balanço — ah, o balanço — era o portal para todos os sonhos. Subíamos nele sem medo, sem pensar na hora de descer. Balançávamo-nos cada vez mais alto, competindo com os amigos para ver quem chegava mais perto do céu. Sorríamos ao olhar para cima e ver aquele azul clarinho, as nuvens se movendo, os pássaros voando — e a liberdade de ser criança.

Mas o tempo passou, como sempre passa. Um dia, estamos adultos, grandes demais para brincar no balanço. Olhamos para o mesmo lugar onde um dia tanto brincamos e vemos outras crianças sorrindo, se balançando, vivendo o que já vivemos. As lembranças vêm à mente — de um tempo que não volta mais — e a gente sorri, com saudade. Felizes por termos vivido aqueles momentos e contentes por saber que o mesmo lugar que marcou nossa infância hoje faz parte da infância de outros pequenos.

- ❏ Crescer é isso: perceber que o balanço continua dentro da gente, mas o vento já sopra diferente. Os pés tocam o chão com mais pressa, o céu parece mais longe, e entendemos que aqueles instantes — em que éramos livres, leves e infinitos — eram únicos. Talvez o segredo da vida seja esse: de vez em quando, fechar os olhos e se balançar de novo, nem que seja só na lembrança. Porque, no fundo, todos nós ainda somos aquela criança tentando alcançar o céu com os pés descalços e o coração aberto.



O retorno

João Pedro Moscon dos Santos ·

Thiago Rubini Bonetti · Quésia

Ramos de Medeiros

Vinte anos se passaram desde que ele sentiu, pela primeira vez, o cheiro de concreto fresco naquele lugar. O prédio, ainda esqueleto de concreto e ferro, ganhava forma aos poucos. Ele, jovem e cheio de vigor, participou de cada fase: da fundação aos últimos retoques das salas. Era o seu primeiro trabalho na construção civil e, sem saber, o alicerce de muitas outras coisas que viriam.

Hoje, parado diante do mesmo edifício, ele enxerga mais do que blocos, vigas e vidraças. Enxerga lembranças. A estrutura branca, agora firme e repleta de vida acadêmica, carrega não só história, mas também um pedaço do seu passado. O antigo canteiro de obras tornou-se um instituto de ensino, e ele, agora com rugas discretas e cabelos salpicados de tempo, retorna não como operário, mas como aluno.

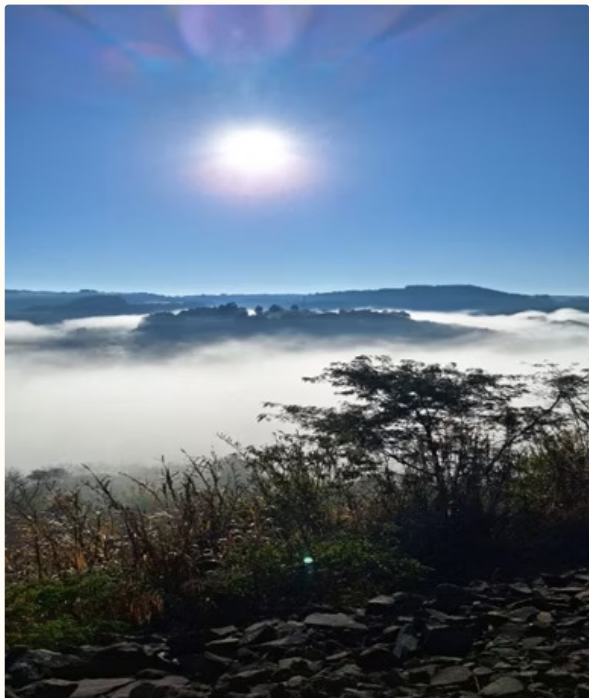
Durante essas duas décadas, a vida se encarregou de construir outras histórias. Mudou-se de cidade algumas vezes, experimentou outros empregos, desafios, recomeços. Casou-se com o amor de sua vida, uma parceira generosa que sabe ouvir mesmo no silêncio. Com ela, construiu algo ainda mais grandioso que qualquer edifício: uma família. Enfrentaram juntos as dificuldades e celebraram as vitórias. Tornou-se pai de um menino perspicaz, esperto e curioso, que desmonta e monta brinquedos como quem decifra o mundo, e de uma menina encantadora que, com um sorriso, ilumina qualquer ambiente e que desenha o mundo com seus olhos e o colore com sua alegria.

E então, o caminho o trouxe de volta. Como se a vida fechasse um ciclo, ele se sentou agora em uma carteira universitária, pronto para iniciar sua primeira graduação. O mesmo prédio, a mesma entrada, a mesma luz atravessando as janelas, mas ele era outro. Ou melhor: era o mesmo, só que mais inteiro.

Ao caminhar pelos corredores, encontrou rostos familiares. Alguns daqueles jovens que viu estudando enquanto aplicava massa corrida hoje são professores, mestres, doutores. Outros continuam ali, ensinando com a mesma paixão de antes. Ele os cumprimenta com um misto de surpresa e orgulho. Foram colegas de jornada, mesmo que em trilhas diferentes.

É curioso como o tempo molda não só as paredes, mas também as pessoas. O prédio cresceu, assim como ele. Os alicerces que ajudou a levantar hoje sustentam sonhos, inclusive os seus.

- ❏ E, ao abrir seu caderno pela primeira vez na sala de aula, ele percebe: não é o começo de uma nova história, mas a continuação de uma que começou há vinte anos, com um capacete na cabeça, uma colher de pedreiro na mão e um sonho no coração.



O guia do incerto!

Adriele Alegre Velasqui · Larissa Naiane Eismann · Mariana Schmitzhaus da Rocha

Com os anos que se passaram e o conhecimento adquirido, como montanhas altas os objetivos se assemelham, banhados pelo sol alto. Torna-se tão fácil visualizar um cenário mais que ideal... Sorrisos, aprendizado, desenvolvimento, socialização, completude. Ainda assim, a neblina que se aloja abaixo impede-nos de o caminho enxergar.

Tão mais simples seria se uma mesma fórmula se aplicasse para quaisquer turmas, mas não seria isso o mesmo que desejar a extinção da individualidade? Substituir a identidade humana por uma consciência completamente racional?

Quisera eu saber que a vida e o crescimento, assim como as nuvens, estão sempre em movimento, seja ele constante ou nem tanto. Quisera eu ter todas as respostas das perguntas daquela criança curiosa, ou que então o ensinamento fosse passado adiante de maneira leve como um sopro, onde todos pudessem então ter o mesmo escopo.

Sei, porém, que, por mais claro que o objetivo seja, o caminho é incerto. A aprendizagem, então, é como o horizonte que ainda precisa ser desvendado. Creio que a docência nasce disto, de desafios a serem resolvidos, caminhos a serem guiados e, assim como o sol, iluminar o ponto de partida.

O sol, nesse cenário, é como o conhecimento: pode até se ocultar atrás da névoa por alguns instantes, mas nunca deixa de existir. E, quando finalmente rompe o véu que o esconde, transforma a paisagem inteira, assim como a compreensão transforma o olhar de quem aprende.

Desta maneira também é o professor: sua luz pode até se esconder por alguns instantes, mas basta um encontro verdadeiro para que brilhe novamente. É nesse momento que o ensino deixa de ser apenas conhecimento e passa a ser calor, capaz de alcançar a essência do ser humano. Basta ter um aluno, qualquer um que se disponha a aprender, e tornar-se O PROFESSOR, pois como já dizia Platão, a Alma é a dimensão humana mais importante de todas.

□ A aprendizagem nunca é um ponto final, mas um movimento constante entre luz e sombra, entre o visível e o encoberto.

Você conseguiria dar o primeiro passo em direção ao desconhecido?



Entre bergamotas, galochas e risadas

Diule Elena Vigne · Julia Letícia Fritsch Pinto

Era uma tarde de sexta-feira e o clima estava agradável, depois de dias chuvosos em meio ao rigoroso inverno, o sol finalmente voltava a aparecer. As crianças, felizes e satisfeitas após saborearem a bergamota, fruta rica em vitamina C, logo tiveram uma ideia: aquele seria o lugar perfeito para brincar.

Nem se importaram em sujar as galochas na terra ainda úmida, nem com as bergamotas caídas no chão, já cobertas de musgo. Era um tal de "eu que conto" de um lado e um "vou te pegar" do outro. Um reclamava da calça suja, outro chorava porque havia caído, nada fora do comum para um espaço onde vivem livres e alegres crianças.

Durante os sete meses em que estive ao lado delas, nunca vi sorrisos tão amplos e sinceros quanto naquele dia. Respeitando os limites e os combinados, corriam de uma ponta à outra do pomar, passando entre os pés carregados de bergamotas.

Mesmo quando as professoras anunciaram que era hora do lanche, momento sempre tão aguardado, naquele dia, ninguém queria sair dali. Já estavam satisfeitos com as bergamotas colhidas do pé, e brincar entre os pomares era divertido demais para ser interrompido. Correndo, tropeçando e rindo, pareciam parte daquele cenário, era libertador.

- ❏ Entre bergamotas, galochas sujas e risadas genuínas, percebi que ensinar é, antes de tudo, estar presente nesses instantes breves, mas eternos, em que a vida se revela em sua forma mais pura. Ali, no meio do pomar, compreendi que a educação ocorre quando se permite ser viva, quando se deixa tocar pelo inesperado e pelo encantamento, percebi que aquele dia havia deixado marcas, não apenas na terra úmida, onde ficaram as pegadas pequenas, mas também em meu coração.



Palavras são pontes

Mateus Rafael Domingues Lopes

As palavras carregam mais do que sons — elas transportam intenções, sentimentos e possibilidades. Uma única frase pode abrir caminhos, onde antes só havia silêncio ou confusão. Quando falamos com verdade, tocamos o outro; Quando escutamos com atenção, permitimos que o mundo nos transforme. As palavras têm o poder de curar feridas e também de criar horizontes. São pontes que ligam o que fomos ao que podemos ser.

Às vezes, o que muda uma vida não é um grande acontecimento, mas uma conversa simples, uma frase que desperta coragem ou uma palavra que devolve esperança. Por isso, é preciso cuidar do que se diz — e, mais ainda, do que se cala. Cada palavra pode ser muro ou ponte.

Quando escolhemos construir pontes, abrimos espaço para o encontro, para o aprendizado e para a mudança de trajetória que nos faz crescer.

Motive.

Acredite.

Sonhe.



Galeria do tempo

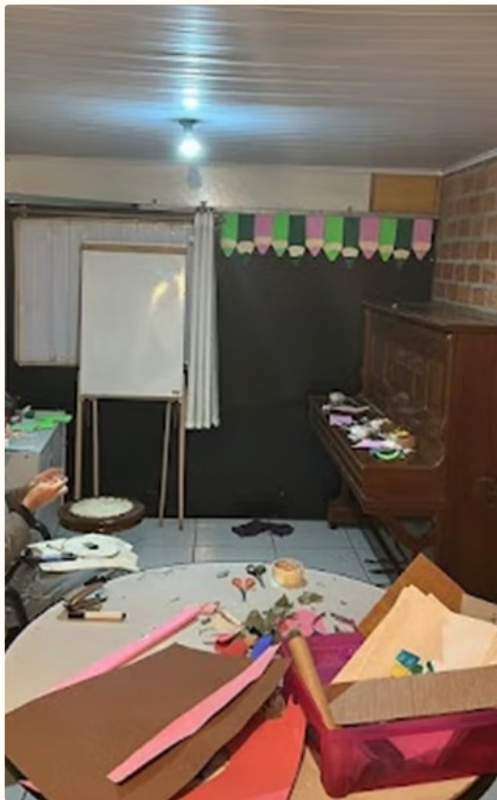
Djenifer Gonçalves de Oliveira · Felipe Leonardo Ciehorski · Michele Paula Käfer

Em uma galeria iluminada, um grupo de crianças observa atentamente as paredes. São alunos do ensino fundamental, vestidos com o uniforme da escola. Suas mochilas coloridas carregam cadernos, lápis e lanches, e seus olhos curiosos buscam compreender o que estão vendo.

À frente do grupo, uma professora fala sobre pessoas que um dia foram muito importantes para o país. Talvez conte suas histórias, seus acertos e erros. É ela quem relaciona o presente dos alunos e o passado retratado nas paredes. O destaque da visita é um grande painel de madeira, com o título 'Galeria dos Presidentes'. Nele, estão dispostos vários retratos em preto e branco. Cada rosto representa um tempo, um governo, uma fase da história do Brasil. As crianças olham aquelas imagens com curiosidade. Para elas, talvez sejam apenas figuras sérias, de terno e gravata. Ainda não entendem o peso das decisões que aqueles homens tomaram, nem o impacto que deixaram no país. Para eles, é como observar um álbum antigo, cheio de rostos desconhecidos, mas importantes.

O painel, no entanto, guarda muito mais que retratos. Ele mostra que o tempo passa, e que pessoas e ideias mudam. Mostra que quem teve o poder algum dia e foi destaque, agora é lembrança. Aqueles presidentes, que já foram notícia e foram responsáveis por grandes decisões, hoje descansam em molduras, observando as novas gerações que chegam para aprender. Há algo bonito e simbólico nesse encontro entre o passado e o presente. Será que entre essas crianças pode estar algum futuro grande líder da sociedade? Todos olham interessados para o painel, pois fazem parte da mesma história que aqueles líderes ajudaram a construir — todas as escolhas que aqueles homens fizeram no passado, sem dúvida alguma, tiveram impacto direto na vida desses jovens, mesmo que eles sequer saibam.

- ❏ Por alguns instantes, a história deixa de ser apenas texto no livro e se torna algo real, visível, que desperta curiosidade. O ciclo se repete: o passado contado, o presente que aprende e o futuro que caminha pelos corredores da galeria, carregando nas costas uma mochila, e na mente, a primeira lembrança viva da história.



A timidez de ser professor

Samuel Viana Falkoski

Existem grandes salas de aula, com mesas organizadas, cadeiras alinhadas, um grande quadro branco e paredes enfeitadas; e existem outras que se escondem nos cantos mais afastados, como esta pequena sala onde, numa noite qualquer, recortes de papéis coloridos cogitam virar futuro.

Em cima da mesa, tesouras cansadas de tanto cortar descansam ao lado de pequenos retalhos que não encontraram um fim. Uma cola, uma fita adesiva, um pouco de bagunça, mas um tanto de sonho. Ao lado, um piano antigo observa tudo, como se estivesse tocando silenciosamente a trilha das descobertas que acontecem diante dele.

No meio dessa pequena bagunça, uma mão — talvez a minha, talvez a de algum estudante — prepara alguma coisa que nem sabe ao certo para onde é que vai. É um gesto simples, daqueles que poderiam passar despercebidos: cortar e colar e montar e experimentar. Mas ali, entre esses papéis, algo desperta: um pensar sobre o que é ensinar, esse ofício que nasce primeiro na gente, antes de nascer no outro.

Nesta história, então, descubro que a formação docente não começa quando pisamos em uma sala de aula, mas sim quando olhamos o mundo com olhos que observam. Quando vemos o invisível. Quando percebemos que pequenos gestos, como simplesmente colocar uma bandeirinha torta ou organizar um cantinho da sala, têm tudo a ver com o grande desafio de organizar os pensamentos, os carinhos e a esperança na vida dos alunos.

O quadro branco no fundo da cena parece me esperar — não para escrever uma tese ou um projeto de pesquisa, mas para me lembrar de que a docência é feita de tímidos ensaios, desse pequeno começo que quase ninguém consegue ver. E é nessa timidez, cheia de papéis espalhados por aí, com a exaustão de trabalhar, que entendo que nós somos feitos de miudezas, e que são elas que acendem a nossa constelação profissional.

- ❏ Naquele dia, finalmente percebi que não estava apenas recortando e colando retalhos de papel, mas, sem ao menos perceber, estava me preparando para ser professor.



A lupa e a saudade

Ana Clara Casagrande Ignacio · Vitória Gabriela Vargas

Depois de tantos dias doente, eu já não aguentava mais ficar em casa. A cama parecia grande demais, silenciosa demais, parada demais. Eu ficava imaginando meus amigos correndo na pracinha, a professora chamando a turma, o barulho das folhas da goiabeira balançando lá no fundo do pátio. Eu sentia saudade da escola como quem sente saudade de um abraço apertado. Uma saudade que arranhava por dentro.

Quando finalmente melhorei, acordei antes mesmo do despertador. Minha mãe nem precisou me chamar, eu já estava de mochila nas costas e sorriso no rosto. No caminho para a escola, o sol parecia mais bonito do que nos outros dias, e o vento tinha cheiro de coisa nova. Foi então que vi algo brilhando no chão, perto da calçada. Me abaixei e encontrei uma lupa, meio arranhada, mas firme, como um olho curioso que tinha se perdido por aí. Parecia que ela estava me esperando. Peguei a lupa com cuidado, como quem pega um tesouro.

Quando cheguei na escola, tudo ficou ainda mais emocionante. As árvores pareciam me reconhecer, balançando os galhos como quem dá boas-vindas. A pracinha estava igual, mas eu não. Eu estava cheio de saudade e com uma lupa na mão. Uma combinação perfeita para descobrir o mundo de novo.

Corri até a areia primeiro. Sempre gostei daquela areia, mas nunca tinha parado para olhar de verdade. Coloquei a lupa bem pertinho dos grãos e foi como abrir uma porta para outro universo. Cada grãozinho era diferente do outro: alguns brilhavam como açúcar no sol, outros eram opacos e pareciam pedacinhos de vidro quebrado. Vistos de perto, se pareciam com mini diamantes, como se a pracinha fosse um baú de tesouros disfarçado.

Depois fui até as árvores, onde as formigas sempre fazem suas estradas secretas. Com a lupa vi que elas carregavam folhas enormes, enormes para elas, claro. Pareciam pequenos super-heróis levando capas verdes nas costas. Caminhavam tão organizadas que até pensei que talvez tivessem um chefe dando ordens lá dentro do tronco. Atravessavam galhos, raízes e pedrinhas com uma coragem que dava vontade de aplaudir.

Segui então para a goiabeira. Ah, aquela árvore! Sempre me deu um friozinho na barriga quando eu subia, mas também uma sensação boa, como se eu estivesse chegando mais perto do céu. Naquela tarde encontrei uma lagarta deitada numa folha, descansando como quem dorme numa rede. Com a lupa ela ficou enorme e parecia uma minhoca usando um casaco fofinho listrado. Seus pelinhos eram tão delicados que parecia até que alguém tinha pintado um por um com um pincel bem fininho. Ela se mexia devagar, como quem estica o corpo depois de um sonho longo.

A curiosidade começou a coçar mais forte dentro de mim. Olhei para minhas mãos, coloquei a lupa sobre os meus dedos e quase nem acreditei. As linhas da minha pele pareciam caminhos antigos, cheios de curvas e encruzilhadas. Como mapas secretos que só eu podia entender. Fiquei imaginando para onde cada linha me levaria: talvez para aventuras, talvez para descobertas, talvez de volta à pracinha, afinal, é lá que tudo começa.

Enquanto eu explorava tudo, meus amigos chegaram. O João gritou meu nome de longe. A Malu veio correndo e me abraçou, dizendo que eu tinha feito falta. Eles ficaram encantados com a lupa e quiseram ver a areia, as formigas, a lagarta, tudo que eu já tinha visto. A gente ria e comentava como o mundo parecia diferente quando a gente olhava de pertinho. Era como se o espaço entre as coisas tivesse crescido e nós tivéssemos encolhido só para caber dentro desses pequenos mistérios.

E naquele momento senti algo quentinho no peito. Percebi que não era só da pracinha que eu sentia saudade. Era dessas descobertas que só a escola sabe dar. Era dos meus amigos, da professora, das árvores, da sensação de que cada dia podia ser uma aventura nova, mesmo que o lugar fosse o mesmo de sempre.

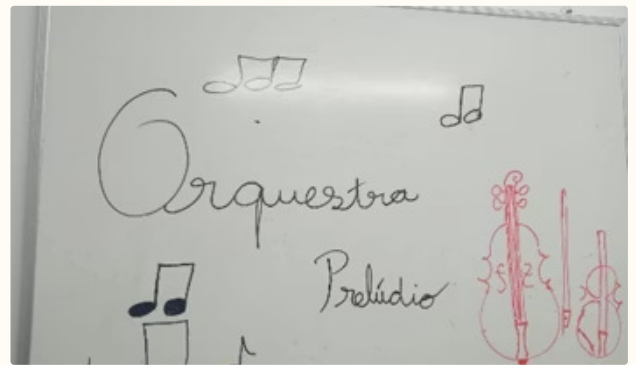
A doença me deixou longe da escola por alguns dias, mas a lupa me mostrou que quando a gente volta, tudo pode virar novidade. E também me ensinou uma coisa que eu nunca vou esquecer:



A curiosidade é como uma lupa dentro da gente, aumenta tudo que é bonito e faz a gente querer olhar de novo. E a escola é o melhor lugar do mundo para descobrir o que estava escondido.

Prelúdio

Bernardo Zimmermann Ulrich · Emanuel Luiz Müller da Silva · Felipe Sviercoski Marsi



Palavra antiga, oriunda de *prae* — antes — e *ludus* — jogo. Antes do jogo. Antes do que se mostra. Antes do brilho. No coração da educação, o prelúdio é o território secreto onde se erguem as coisas que o público nunca verá: os ensaios, tentativas e erros, o desalinho transformado em forma. O prelúdio é o chão onde tropeçamos para que, no palco, possamos andar.

Ser maestro e ser professor de música é vivenciar e habitar neste território anterior. É viver na sala de aula e no ensaio como quem constrói as vigas de um templo que será visto apenas por fora. A apresentação — o "jogo" — não é um passatempo, mas um rito humano, espaço-tempo onde o sacrifício da dedicação, da entrega silenciosa, transfigura-se em som síncrono. O palco é um altar: nele se oferece aquilo que foi cultivado no invisível. O processo é o que permite a consumação do que é visível.

O maestro, por mais solene que pareça, é sobretudo cooperador. Mediador de forças, o artista que desenha sobre o ar através de sua batuta. À frente da orquestra, vê o rosto dos músicos, mas, diante do público, mostra apenas a nuca. Porque sua obra não é a pose, mas o resultado; não é a figura, mas o reflexo. A verdadeira assinatura do maestro está nos gestos que não são dele — os arcos que se erguem, as respirações que se alinham, os olhares seguros de quem aprendeu.

O professor de música — esse maestro do cotidiano — partilha do mesmo destino. Ele também vive o antes. Antes da nota afinada, da postura correta, do brilho que conquista aplausos. Sua glória é construída com paciência: nos dedos que finalmente alcançam a nota, no aluno que descobre que pode, no conjunto que percebe que respira como um só corpo.

No concerto, vemos os alunos. Mas, atrás de cada um, invisível, está a obra do educador. É um paradoxo belo: a grande criação do professor é aquilo que o ultrapassa. E quando o público aplaude, a palma ecoa para dois lados — para o músico que se mostra e para o mestre que se esconde.

📄 Porque ser maestro, ser professor de música, é trabalhar no prelúdio eterno. É saber que o espetáculo é breve, mas o processo é infinito. É aceitar que o sacrifício não é renúncia, mas semente.

E, se o palco é o altar, o ensaio é oração.

E, se a música é presente, o educador é o prelúdio por onde ela nasce.

Nota Metodológica Final

A proposta pedagógica que deu origem a *Constelações Miúdas: Crônicas de um despertar docente* foi concebida como exercício intencional de formação intelectual e identitária. Não se tratou apenas de produzir textos, mas de instaurar um percurso que ensinasse a pensar sobre a experiência educativa, a compreender como se aprende e a reconhecer a complexidade da docência na vasta constelação da educação contemporânea.

A escolha do gênero crônica, situada entre o cotidiano e a reflexão, entre o fato e a interpretação, constitui espaço privilegiado para o desenvolvimento da atenção crítica e da sensibilidade argumentativa. Ao exigir observação sistemática da realidade, elaboração estética da linguagem e posicionamento reflexivo, o gênero favorece a articulação entre experiência vivida e consciência profissional. Na vida social e na educação, a crônica cumpre função formativa relevante: ensina a ler o mundo antes de pretender transformá-lo.

Etapas do percurso

O percurso estruturou-se em etapas claramente delineadas: observação do cotidiano escolar, registro imagético por meio da fotografia como dispositivo de atenção, planejamento das ideias, escrita individual ou colaborativa, leitura pública e discussão orientada. O trabalho em pares ou trios ampliou a capacidade dialógica dos acadêmicos, exigindo negociação de sentidos, escuta ativa e responsabilidade compartilhada pela autoria. Tal dinâmica fortaleceu competências essenciais à prática docente, entre elas a cooperação intelectual e a construção coletiva do conhecimento.

Leitura crítica em sala

A leitura crítica das crônicas em sala constituiu um momento central do processo. Exercitou-se o falar educado das percepções, a formulação de ponderações fundamentadas, o reconhecimento de qualidades textuais e a proposição de melhorias com respeito e precisão. Tais práticas, frequentemente fragilizadas nos contextos formativos, precisam ser resgatadas como condição para a criação de laços de confiança acadêmica. É na confiança que se tecem vínculos de pertencimento; é no pertencimento que a formação adquire sentido.

O estímulo à autoria

Destaca-se, ainda, o estímulo à autoria. Em tempos de produção acelerada de informações e de textos muitas vezes destituídos de implicação pessoal, reafirmou-se a importância de que acadêmicas e acadêmicos assumam a responsabilidade intelectual por suas palavras. Escrever, neste contexto, significou posicionar-se, interpretar, sustentar ideias e reconhecer-se sujeito de pensamento. A autoria, compreendida como presença reflexiva no texto, foi tratada como eixo estruturante da identidade docente em construção.

O valor formativo do desafio

Por fim, importa registrar o valor formativo do desafio. Propor tarefas que exigem observação, elaboração estética e reflexão crítica implica confiar na capacidade dos estudantes. E quando eles respondem, avançam, amadurecem e se realizam, evidencia-se um dos maiores sentidos do ensino superior: acompanhar o processo pelo qual sujeitos se descobrem capazes de produzir conhecimento com rigor e sensibilidade. Há, nesse movimento, um prazer legítimo e profundo de ser professor ou professora a pela mediação cuidadosa que possibilita que outros encontrem a própria voz.

- Este percurso reafirma que formar docentes é ensinar a pensar com responsabilidade, a dialogar com ética e a escrever com consciência. É compreender que cada pequena descoberta, quando articulada a outras, compõe a constelação maior da educação.

Profa. Dra. Katlen Böhm Grando, Profa. Dra. Marguit Carmen Goldmeyer



Alunos — Autores das Crônicas

- Adriele Alegre Velasqui
- Adrielly Carolini Gomes Vieira
- Amanda Kourroski Haiml
- Ana Beatriz Klein Chagas
- Ana Clara Casagrande Ignacio
- Andre Luis Dietrich Rieffel
- Artur Guilherme Kalkmann
- Bernardo Zimmermann Ulrich
- Brenda Zimmermann Arnhold
- Cassandra Nascimento Rodrigues
- Cristian Mateus Land
- David Gonçalves da Rocha
- Débora Werle
- Denner Gustavo Brum Cruz
- Diule Elena Vigne
- Djenifer Gonçalves de Oliveira
- Eduarda Luiza Griebeler
- Eduarda Silva Trisch de Oliveira
- Eduardo Winter Rocha
- Emanuel Luiz Müller da Silva
- Felipe Leonardo Ciehorski
- Felipe Sviercoski Marsi
- Flávio de Medeiros Júnior
- Gabriel Teles Bergamini
- Gabriela Camargo Fontel
- Gabriela Luiza Senger
- Giovana Ferrari Simon
- Gustavo Medeiros dos Santos
- Ilvana Patrícia Del Ponte Rodrigues
- Irene Regina Lucena de Aquino Rücker
- Isabella Antunes de Oliveira
- João Pedro Moscon dos Santos
- Julia Letícia Fritsch Pinto
- Juliane Neufeld Hubert
- Kevin Mousinho Pereira do Carmo dos Santos
- Larissa Naiane Eismann
- Leila Maria Holz
- Letícia Maria Kuhn
- Lidia Kuhn Braz
- Lorrana Pereira Queiroz
- Lucas de Vargas de Oliveira
- Luisa Klein Narciso
- Maiara Nabinger
- Mariana Schmitzhaus da Rocha
- Maryeva Elisa dos Santos
- Mateus Rafael Domingues Lopes
- Michele Paula Käfer
- Mirela Reichert da Silva
- Quésia Ramos de Medeiros
- Raíssa Neckel
- Ricardo Ernani Pilger
- Rosana Dilkin
- Samuel Viana Falkoski
- Thiago Rubini Bonetti
- Vitória Gabriela Vargas
- Willkins Jansen Costa e Silva



INSTITUTO IVOTI
FACULDADE

